

---

## O drama humanitário Yanomami e suas Territorialidades: análise de conteúdo da reportagem de TV vencedora do Prêmio Vladimir Herzog (2022)<sup>1</sup>

Emmily Dayanna dos Santos MELO<sup>2</sup>

Vângela Maria Isidoro de MORAIS<sup>3</sup>

Vilso Junior SANTI<sup>4</sup>

Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, RR

### RESUMO

Este trabalho realiza uma análise da reportagem “Crianças Yanomami sofrem com desnutrição e falta de atendimento médico”, vencedora do Prêmio Vladimir Herzog, na categoria vídeo, em 2022. Com base na análise de conteúdo (Bardin, 2009), investigamos quais as características principais desse premiado trabalho jornalístico, como forma de problematizar dois conceitos centrais, o jornalismo de resistência (Pena, 2013) e as territorialidades (Haesbaert, 2021; Santos, 1997), como espaços praticados da informação midiática. Este trabalho é parte de uma pesquisa em andamento junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Roraima.

**Palavras-chave:** povo Yanomami; reportagem; territorialidades; jornalismo de resistência; Análise de Conteúdo.

### Introdução

O drama humanitário na maior área indígena em extensão territorial do Brasil, a Terra Indígena Yanomami (TIY), na Região Norte do país, voltou a ter forte repercussão na imprensa no ano de 2021, a partir do agravamento da destruição ambiental e do número

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Geografias da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação pela UFRR e pesquisadora da relação entre mídia e cobertura humanitária, e-mail: emmilymelo@gmail.com.

<sup>3</sup> Professora doutora (orientadora) do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRR, e-mail: vangela.morais7@gmail.com

<sup>4</sup> Professor doutor do curso de graduação em Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRR, e-mail: vjrsanti@gmail.com.

---

de mortes por conflitos armados, contaminação pelo mercúrio, desnutrição e covid-19 nas comunidades originárias invadidas pelo garimpo ilegal.

O relatório Yanomami sob ataque: garimpo ilegal na Terra Indígena Yanomami e propostas para combatê-lo, de 2022, organizado pela Hutukara Associação Yanomami e Associação Wanasseduume Ye'kwana (2022), descreve que o ano de 2021 “trata-se do pior momento de invasão desde que a TI foi demarcada e homologada, há trinta anos”.

No caminho em que o drama humanitário na área indígena se alastrava (e ainda se alastra), o jornalismo em Roraima assumiu um papel importante de investigar, entrevistar, apurar dados, denúncias e iniciar uma série de reportagens que noticiavam os casos de violação de direitos no território a ser protegido pelo Estado. Parte dessas reportagens foram produzidas, escritas e editadas pela jornalista Valéria Oliveira, do portal de notícias G1 Roraima, que integra o Grupo Globo de Comunicação.

Em 25 de outubro de 2022, a jornalista Valéria Oliveira, em parceria com o jornalista Alexandre Hisayasu, da Rede Amazônica do Amazonas, recebeu o 44º prêmio Vladimir Herzog — prêmio jornalístico brasileiro — na categoria vídeo, pela reportagem “Crianças Yanomami sofrem com desnutrição e falta de atendimento médico”, em novembro de 2021 (Crianças [...], 2022). Mas o que é uma reportagem? Noblat (2006) descreve que “notícia é o relato mais curto de um fato. A reportagem é o relato mais circunstanciado”.

Antes de analisar a reportagem premiada, depois de já visitarmos um conceito simples de reportagem, queremos falar brevemente sobre a importância da premiação. Conforme a página oficial na internet (Prêmio [...], 2018), o Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos é o mais tradicional prêmio jornalístico do país e acontece, de forma ininterrupta, desde a criação, no ano de 1979, somando mais de 600 jornalistas premiados, tanto no Brasil quanto em outros países da América Latina. O objetivo central do prêmio é reconhecer o trabalho de jornalistas que colaboram na defesa e promoção da democracia, da cidadania e dos Direitos Humanos.

Pensar sobre o Prêmio Vladimir Herzog e no seu objetivo central nos aproxima do conceito de jornalismo de resistência, proposto por Pena (2013). Lá, o pesquisador destaca o papel social do jornalismo e o conceitua da seguinte forma:

O que chamo de jornalismo de resistência consiste na aplicação prática de preceitos ligados à função social da profissão. Ou seja, resistir à concepção

---

mercadológica de jornalismo. Nada a ver com a pretensão de transformar a sociedade pela via revolucionária, o que produziria distorções e recairia numa concepção teórica instrumentalista. Muito menos a interpretação messiânica de alçar o jornalismo à categoria de salvador da pátria [...] Mas também não me contento com a classificação de notícias como simples mercadoria ou com as limitações das rotinas produtivas. Acredito nas possibilidades de construção social da realidade através do jornalismo e ainda vejo no profissional da imprensa um papel importante nessa dinâmica. (Pena, 2013, p. 168)

É com base, portanto, nessa superação das “limitações das rotinas produtivas” — destacadas pelo autor — que situamos a reportagem “Crianças Yanomami sofrem com desnutrição e falta de atendimento médico”, de novembro de 2021 (Crianças [...], 2022), como um caso jornalístico que exige muito mais do que o cumprimento protocolar da pauta, acionando novas posturas profissionais de autoconhecimento, de empatia, de identificação das vulnerabilidades e novas abordagens de resistência.

Essa perspectiva dialoga com a construção de territorialidades alternativas para o jornalismo em contexto de múltiplas territorialidades. Podemos partir da ideia primeira de que os fatos trazidos pela reportagem estão circunscritos a um território de base material, a terra Yanomami. Todavia, o conceito basilar de território encontra-se “fortemente associado com seu uso, especialmente através do que identificamos como categoria de prática” (Haesbaert, 2021). Diante de marcas profundas de violências praticadas contra os povos indígenas, a reportagem indica o território como espaço múltiplo de vida, mas também de construção de relações de poder e de uma histórica opressão cultural que segue provocando mortes indígenas.

“A territorialidade, nas palavras de Milton Santos (1999 *apud* Santi; Araújo, 2020), não resulta apenas do fato de se viver em um espaço, mas sim da relação que com ele mantemos”. Apesar da ampla aplicabilidade do conceito, em estudos diversos, aqui iremos refletir o entendimento com os meios de comunicação, a partir da produção e repasse de informação. Em resumo, a presença da equipe de reportagem no espaço da notícia e as territorialidades transitadas a partir dessa presença.

O aporte metodológico para este estudo virá da Análise de Conteúdo, desenvolvido pela pesquisadora Laurence Bardin (2009). A pesquisadora estipula algumas fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação.

---

Na “pré-análise”, organizamos o material a ser estudado e fizemos a “leitura flutuante” da reportagem escolhida (reportagem premiada). Na sequência, na “exploração do material”, investigamos a temática apresentada (drama Yanomami). Pontuamos que este trabalho não pretende, neste momento, estudar a narrativa, mas o conteúdo apresentado. Na fase “tratamento dos resultados”, buscamos o sentido da produção, refletido na pesquisa, que dialoga com a relevância do tema eleito — resultando na premiação alcançada e no caminho no jornalismo de resistência.

Com esse entrelaçar teórico-metodológico, propomos perceber como se deu a entrega dessa reportagem ao público e o que ela potencialmente representa na perspectiva do jornalismo de resistência.

### **A reportagem premiada**

“No meio da Amazônia, o flagrante de um crime. Garimpeiros ilegais estão em ação, em busca de ouro” (Hisayasu; Oliveira, 2021). Essa é a frase inicial da reportagem “Crianças Yanomami sofrem com desnutrição e falta de atendimento médico”, exibida no programa Fantástico, do Grupo Globo de Comunicação, no dia 14 de novembro de 2021.

Com duração de 16 minutos e 30 segundos, a reportagem contou com a seguinte ficha-técnica: Alexandre Hisayasu, Valéria Oliveira dos Santos<sup>5</sup>, produção e reportagem; Henrique Souza Filho, técnico; Alexandro de Oliveira Pereira, cinegrafista; Luciane Marques de Oliveira, produção; Wagner Luis Suzuki, editor; Gustavo Pereira Pacheco, editor de imagem; Everton Altafim, editor de imagem; Anderson da Silva, editor de arte, e Luciano Abreu, produção.

A equipe de reportagem esteve em campo por duas semanas — conforme descrevem os repórteres no decorrer do texto —, imersa na maior Terra Indígena do país. De lá, no cenário de violação de direitos, o jornalismo feito de dentro é percebido no destrinchar da reportagem, que “exploração do material” (Bardin, 2009), classificamos como drama Yanomami — situação que engloba os casos de garimpo ilegal, malária,

---

<sup>5</sup> Na introdução deste estudo, citamos, em especial, a jornalista Valéria Oliveira. Roraimense, aluna egressa da Universidade Federal de Roraima, Valéria Oliveira assina anteriormente a essa reportagem especial matérias que já denunciavam a violação de direitos na área Yanomami. Atualmente, integra a Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo e segue na produção, escrita e edição de reportagens investigativas com a temática ambiental e indígena.

covid-19 e desnutrição infantil. Fatos denunciados por meio de imagens, com a descrição do repórter (Alexandre Hisayasu, jornalista coautor da reportagem que aparece em tela) e entrevistas contidas na “reportagem especial”, como conceituou o programa Fantástico.

Logo nos primeiros segundos de tela, é exibido uma balsa atracada no meio do rio, para extração garimpeira. A atividade ilegal é feita próxima a uma comunidade Yanomami. As imagens seguem apresentando a rotina daquela comunidade, que vive sem assistência médica, saneamento básico e dependendo de um rio contaminado pela extração garimpeira para buscar água. Imagens que também mostram o cenário de devastação da floresta, sem fauna e flora; crianças em situação extrema de desnutrição e famílias em luto. Somente naqueles dias, próximos da reportagem, duas crianças morreram por desnutrição.

O drama Yanomami é apresentado por pesquisadores consultados na reportagem e, especialmente, pelos relatos das lideranças indígenas Yanomami. O convite para que a equipe de reportagem estivesse presente na área chegou ao Grupo Globo de Comunicação pela Hutukara Associação Yanomami e pelo Conselho Distrital de Saúde Indígena (Condisi).

“Nós estamos sofrendo, nas aldeias, precisamos de alguém, filmar e mostrar a realidade” (Yanomami, 2021). O trecho de fala presente na reportagem é de Dário Kopenawa Yanomami, vice-presidente da Hutukara. Um pedido de socorro ao meio de comunicação. Uma busca para que o jornalismo, que aqui apresentamos como jornalismo de resistência, humanizado e feito no “enxergar com os olhos da comunidade”, reverberasse as vozes dos povos originários. Recorremos também a Nogueira, Silva e Silva (2019), para essa afirmação: “[...] o olhar sensível, porém objetivo, do repórter, consegue não somente informar, mas dar voz ao “sujeito” inserido em uma sociedade tão diversificada” (Nogueira; Silva; Silva, 2019, p. 3-4).

### **Considerações finais**

Quando escolhemos jornalismo de resistência, evidenciado por Pena (2013), e as territorialidades, de Haesbaert (2021) e Santos (1997), para construir a presente análise (Bardin, 2009), propomo-nos a investigar como se deu a entrega da reportagem premiada ao público.

---

Com esta pesquisa, vimos uma reportagem do ponto de vista da comunidade (povo Yanomami), saindo da ótica padrão do repórter apenas observador, para o repórter participativo, inserido no cenário do drama.

Uma reportagem que articula com o espaço/território e o representa para o público telespectador. Percebendo, a cada minuto de tela, que o drama humanitário da Terra Indígena Yanomami foi bravamente repassado pelos repórteres Alexandre Hisayasu e Valéria Oliveira e, por isso (mas nem só por isso), reconhecido nacionalmente pelo prêmio Vladimir Herzog.

## REFERÊNCIAS

CRIANÇAS yanomami sofrem com desnutrição e falta de atendimento médico. Produção Jornalística em Vídeo. [S. l.]: Rede Globo, 2022. 1 vídeo (17 min.). Disponível em: <https://premiovladimirherzog.org/criancas-yanomami-sofrem-com-desnutricao-e-falta-de-atendimento-medico/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

HUTUKARA ASSOCIAÇÃO YANOMAMI; ASSOCIAÇÃO WANASSEDUUME YE'KWANA. **Yanomami sob ataque**: garimpo ilegal na Terra Indígena Yanomami e propostas para combatê-lo. Boa Vista, 2022. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/yanomami-sob-ataque-garimpo-ilegal-na-terra-indigena-yanomami-e-propostas-para>. Acesso em: 15 maio 2024.

LOPES, R. de F.; NOGUEIRA, W. S. A construção histórica e social do “Exotismo amazônico”. **Educação**, Aracajú, v. 7, n. 1, p. 137-148, 2018.

NOBLAT, R. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

OLIVEIRA, V.; HISAYASY, A. Crianças yanomami sofrem com desnutrição e falta de atendimento médico. **Globo Play**, [s. l.], 14 nov. 2021. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10040433/>. Acesso em: 24 jun. 2024.

PRÊMIO Vladimir Herzog. **Instituto Vladimir Herzog**, [s. l.], 2018. Disponível em: <https://vladimirherzog.org/acoes-ivh/premio-jornalistico-vladimir-herzog/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

SANTI, V. J.; ARAÚJO, B. C. C. A EtnoMídia Indígena na Construção dos Territórios EtnoMidiáticos. **Revista Comunicação, Cultura e Sociedade**, [s. l.], 12 ed., v. 07, p. 122-142, 2020.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997. v. 5.